

UMA INTRODUÇÃO À PEDAGOGIA ADINKRA

Aboua Kumassi Koffi Blaise

Daniele Laurinda Caetano

RESUMO

Este artigo apresenta uma introdução à Pedagogia Adinkra, uma proposta educativa ancorada nas epistemologias africanas e afro-brasileiras, especialmente na cosmovisão do povo Akan, da região oeste do continente africano. Com base na simbologia dos ideogramas Adinkra e nos Valores Existenciais Afro-brasileiros, o texto propõe uma crítica à hegemonia eurocentrada nos currículos escolares e afirma a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a ancestralidade, a oralidade, a corporeidade, o comunitarismo e a espiritualidade como fundamentos legítimos do conhecimento. A Pedagogia Adinkra é apresentada como um gesto de reexistência e de reencontamento do ato educativo, propondo uma educação antirracista, plural e enraizada na dignidade dos povos historicamente marginalizados. O artigo articula contribuições

de autores como Azoilda Loretto da Trindade, Tomaz Tadeu da Silva, Grada Kilomba e Antonio Bispo dos Santos, além da experiência e do pensamento do professor Aboua Kumassi Koffi Blaise. A partir da análise do símbolo adinkra *akoko nan*, discute-se o papel educativo da mulher na sociedade Akan, revelando como os provérbios e valores africanos oferecem caminhos para repensar a educação no Brasil. A Pedagogia Adinkra não se apresenta como fórmula pronta, mas como semente: uma prática viva, coletiva e ancestral que busca restaurar vínculos, curar feridas coloniais e alimentar imaginários sociais mais justos e diversos.

PALAVRAS-CHAVE Pedagogia Adinkra; Ancestralidade africana; Currículo antirracista; Epistemologias negras; Educação e diversidade.

■ RESUMEN

Este artículo presenta una introducción a la Pedagogía Adinkra, una propuesta educativa arraigada en las epistemologías africanas y afrobrasileñas, especialmente en la cosmovisión del pueblo Akan, de la región occidental del continente africano. Basado en el simbolismo de los ideogramas Adinkra y los Valores Existenciales Afrobrasileños, el texto propone una crítica a la hegemonía eurocéntrica en los currículos escolares y afirma la importancia de prácticas pedagógicas que reconozcan la ascendencia, la oralidad, la corporalidad, el comunitarismo y la espiritualidad como fundamentos legítimos del conocimiento. La Pedagogía Adinkra se presenta como un gesto de reexistencia y reencantamiento del acto educativo, proponiendo una educación antirracista y plural, arraigada en la dignidad de los pueblos históricamente marginados. El artículo com-

bina contribuciones de autores como Azoilda Loretto da Trindade, Tomaz Tadeu da Silva, Grada Kilomba y Antonio Bispo dos Santos, así como la experiencia y el pensamiento del profesor Aboua Kumassi Koffi Blaise. A partir del análisis del símbolo adinkra akoko nan, el artículo aborda el rol educativo de la mujer en la sociedad akan, revelando cómo los proverbios y valores africanos ofrecen maneras de repensar la educación en Brasil. La Pedagogía Adinkra no se presenta como una fórmula prefabricada, sino como una semilla: una práctica viva, colectiva y ancestral que busca restablecer vínculos, sanar las heridas coloniales y nutrir imaginarios sociales más justos y diversos.

PALAVRAS CLAVE Pedagogía Adinkra, Ascendencia Africana, Currículo Antirracista, Epistemologías Negras, Educación y Diversidad.

■ ABSTRACT

This article presents an introduction to Adinkra Pedagogy, an educational proposal rooted in African and Afro-Brazilian epistemologies, particularly the worldview of the Akan people, from West Africa. Based on the symbolism of the Adinkra ideograms and the Afro-Brazilian Existential Values, the text offers a critique

of Eurocentric dominance in school curricula and emphasizes the importance of pedagogical practices that acknowledge ancestry, orality, corporeality, communitarianism, and spirituality as legitimate foundations of knowledge. Adinkra Pedagogy is presented as an act of reexistence and a re-enchantment of educational prac-

tice, promoting an antiracist, plural, and dignity-centered education for historically marginalized peoples. The article draws on contributions from authors such as Azoilda Loretto da Trindade, Tomaz Tadeu da Silva, Grada Kilomba, and Antonio Bispo dos Santos, as well as the experience and thought of Professor Aboua Kumassi Koffi Blaise. Through the analysis of the akoko nan Adinkra symbol, it discusses the educational role of women in Akan society, showing how African

proverbs and values can offer powerful paths to rethink education in Brazil. Adinkra Pedagogy is not a ready-made formula but a seed: a living, collective, and ancestral practice that seeks to restore connections, heal colonial wounds, and nourish more just and diverse social imaginaries

KEYWORDS Adinkra Pedagogy, African ancestry, Antiracist curriculum, Black epistemologies, Education and diversity.

INTRODUÇÃO

“ *Hoje entende-se que os primeiros seres humanos eram negros e outras características fenotípicas se formaram a partir de mutações do DNA das mulheres negras, logo, todos os seres humanos da Terra são originários da mulher africana. África, mãe de toda a humanidade!* Fonseca, 2021, p. 6

No campo da educação, é comum recorrermos à ideia de pedagogia como uma forma de nomear e organizar sentidos educativos. Ao dizermos que uma escola segue esta ou aquela pedagogia, estamos nos referindo às bases

que orientam suas práticas de ensino e aprendizagem, um conjunto de escolhas que respondem a perguntas fundamentais: **o que se ensina, por que se ensina, onde, quando, quem ensina, como se ensina e, especialmente em muitos contextos, quanto custa ensinar e aprender.**

Essas decisões pedagógicas, mais do que técnicas, são escolhas políticas e culturais. O que se ensina e o que se aprende revela muito mais do que conteúdos: revela valores, memórias e silêncios. Ensina-se aquilo que se deseja preservar, e aprende-se apenas o que se é autorizado a acessar. Ensina-se para reproduzir estruturas ou para transformá-las, e aprende-se para reproduzir, resistir ou sonhar outros mundos possíveis. O ensino e a aprendizagem acontecem em todos os lugares onde há vida! Ensina-se e aprende-se com o

corpo inteiro: com a palavra, o silêncio, a prática, o tempo e o afeto.

Na rede privada de ensino, tais escolhas tornam-se ainda mais visíveis – não apenas pelas práticas adotadas, mas pelo modo como são mercantilizadas e vendidas como diferenciais no mercado educacional. Contudo, o que se observa é que muitas dessas pedagogias seguem um mesmo eixo de referências eurocentradas, invisibilizando outros modos de produzir e viver o conhecimento.

A Pedagogia Adinkra é uma recusa – à colonialidade do saber, do ser e do poder¹ – e, ao mesmo tempo, é uma afirmação de que há outros caminhos possíveis. Caminhos que reconhecem as infâncias negras como plenas de humanidade. Que entendem a educação como prática de liberdade, e não

de colonialidade. Que colocam no centro a ancestralidade africana e afro-brasileira como horizonte.

Trata-se, portanto, de uma pedagogia que exige coragem política. Porque afirmar os saberes negros como fundamento pedagógico é romper com séculos de apagamento. É confrontar a branquitude como norma universal. É dizer que a África não é ausência, mas origem.

Este é um convite: para educadoras, famílias, instituições e comunidades que ousam imaginar espaços onde a dignidade não seja exceção, mas regra. Onde os símbolos falam, onde a memória orienta, onde a coletividade sustenta. A Pedagogia Adinkra é semente. E como toda semente africana, ela carrega dentro de si o poder de transformar o mundo.

FIGURA 1 BAOBÁ DA PEDAGOGIA ADINKRA



Fonte: Anik/Adobe Stock

¹ Trata-se de uma forma de controle da cultura, tomando como base as formas de ser, fazer e existir de matriz europeia (Quijano, 2005). Cf. CAETANO, Daniele Laurinda. *Narrativas de professoras da Educação Infantil sobre educação para as relações étnico-raciais nas escolas Waldorf/Steiner no Brasil. 2023*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

Com o objetivo de ampliar os referenciais educativos, compartilhamos os saberes da professora Azoilda Loretto da Trindade, que propôs a sistematização baseada nos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros² – aqui chamados de

Valores Existenciais Afro-brasileiros. A incorporação desses valores na vida como tudo e na prática escolar em específico, favorece uma educação mais equilibrada e sensível à diversidade étnico-racial do Brasil.

PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA ADINKRA

A Pedagogia Adinkra parte do entendimento de que os saberes afro-brasileiros têm origem no continente africano, especialmente entre os povos Akan³, e que, com o sequestro de milhões de africanos e africanas para as Américas, essa riqueza de conhecimentos e tecnologias – tanto materiais quanto imateriais – espalhou-se pelo mundo. No Brasil, esses saberes foram ressignificados e mantidos vivos por meio de símbolos, práticas e valores que estruturaram formas de ser, viver e aprender.

A Pedagogia Adinkra valoriza a presença cotidiana desses saberes, reconhecendo que eles nos trazem mensagens importantes de uma memória ativa. Essa proposta educativa se ancora em doze princípios fundamentais:

1. **Circularidade:** Reflete a lógica de organização do tempo e do saber como um ciclo contínuo. Representa a interdependência entre vi-

da, morte, ancestralidade e aprendizado. Valoriza o saber coletivo e o retorno constante às origens.

2. **Musicalidade:** Mais do que ritmo e som, é uma linguagem que educa, comunica e celebra a vida. Presente na oralidade, no corpo e na espiritualidade, a musicalidade conecta o individual ao coletivo.
3. **Comunitarismo:** Promove o cuidado mútuo, a união e a valorização das trocas no processo educativo.
4. **Ancestralidade:** Conecta o presente aos que vieram antes. Ensina que nossos passos vêm de longe e que os ancestrais seguem vivos nas práticas, nos saberes e nas escolhas do agora.
5. **Ludicidade:** O brincar como forma legítima de aprender. Estimula a criatividade, a imaginação e o prazer no processo de construção do conhecimento.

2 Os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros sistematizados pela professora Azoilda da Trindade são dez; na estrutura da Pedagogia Adinkra, adicionamos a intelectualidade e o afeto como eixos fundamentais. A sistematização de Trindade se encontra disponível em: <https://reaju.files.wordpress.com/2018/07/valores-civilizatc3b3rios-afrobrasileiros-na-educac3a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf>. Acesso: em 16 nov. 2023.

3 Importante ressaltar que o grupo Akan reúne mais de vinte povos etnolinguísticos, entre eles os povos Twi, Ashanti, Agni, Abure, Nzema, Baule etc. espalhados no oeste africano. Todos fazem uso dos símbolos adinkras na sua indumentária.

6. Energia Vital: Força que move e sustenta a vida. Também conhecida como axé, ori ou nkisi, está presente nas relações, no corpo e no ato de ensinar e aprender.
7. Religiosidade: Integra espiritualidade, cultura e cotidiano. Valoriza os saberes ancestrais religiosos como parte da formação integral do ser.
8. Intelectualidade: Reconhece a potência criadora e crítica dos povos africanos e afro-brasileiros. Valoriza os múltiplos modos de produção do saber.
9. Afeto: Entendido como tecnologia ancestral de cuidado. Ensinar e aprender são atos afetivos, que envolvem empatia, escuta e encontro.
10. Corporeidade: A dança, os gestos e a música são formas de comunicação não verbal que transmitem emoções, histórias e ensinamentos. O corpo, nesses contextos, comunica cuidado, beleza, resistência e espiritualidade.
11. Memória: A memória é uma forma de comunicação histórica, em que as experiências, os valores e as histórias de um povo são passados adiante. Essa comunicação se dá principalmente por meio da oralidade, dos contos e das canções, que permitem aos afro-brasileiros preservar suas raízes e manter viva sua história ancestral.
12. Oralidade: A oralidade é uma das formas mais importantes de comunicação nas culturas africanas e afro-brasileiras. Mais do que um

meio de transmitir informações, é uma ferramenta de resistência, preservação cultural e manutenção da memória coletiva. É por meio da oralidade que os saberes ancestrais continuam vivos, transformando o cotidiano em espaço de formação e conscientização.

É essencial aplicar diariamente as Leis nº 10.639 (Brasil, 2003) e nº 11.645 (Brasil, 2008) ao currículo escolar, garantindo o ensino da História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. Os valores existenciais afro-brasileiros sistematizam eixos importantes e vitais para esse trabalho. Mais que uma fórmula pronta, trata-se de um movimento crítico para ampliar práticas pedagógicas e reconhecer esses valores nos diversos contextos sociais. O princípio das ausências exclui a cultura negra das vivências sociais, das práticas pedagógicas e até mesmo de muitas produções científico-acadêmicas, mediante um existente transformado em ausente (Caetano, 2023), já que “algo que existe é tornado ausente [...], e por isso, deixa de ter uma existência real” (Kilomba, 2020, p. 12).

O segundo aporte teórico nasce do trabalho atento e investigativo da formação de identidades por meio do currículo do professor Tomaz Tadeu da Silva, pois

o currículo é também uma questão de poder e que as teorias do currículo, na medida em que buscam dizer o que o

currículo deve ser, não podem deixar de estar envolvidas em questões de poder. Selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder. As teorias do currículo não estão, neste sentido, situadas num campo “puramente” epistemológico, de competição entre “puras” teorias. As teorias do currículo estão ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. (Silva, 2003, p. 16)

Assim, o currículo pode exercer um papel crucial na promoção da equidade sociorracial, ao incorporar conhecimentos e valores dos diversos grupos sociais no cotidiano escolar. A seleção do que é incluído no currículo revela intencionalidades educativas fundamentais: **quem se quer formar?** Para isso, é imprescindível que se construa um currículo equilibrado, plural e representativo.

Nesse sentido, podemos considerar dois aspectos centrais abordados por Antonio Bispo dos Santos em seu livro *Colonização, quilombos: modos e significações* (2015), especialmente ao tratar das diferenças entre uma cosmovisão monoteísta e uma politeísta (p. 42). Essas duas modalidades culturais refletem abordagens contrastantes: de um lado, a visão eurocristã monoteísta, que tende à segmentação; de outro, a visão afro-pindorâmica politeísta, que valoriza a integração e a convivência entre múltiplas expressões do sagrado e do viver.

A partir disso, propomos o conceito de “**currículo politeísta**” como contraponto à hegemonia de uma visão única e exclusivista. Essa proposta amplia a noção de laicidade escolar, muitas vezes ausente na prática institucional, e reforça a necessidade de uma pluralidade religiosa e cultural efetiva no espaço educativo.

Explicitamos, portanto, a importância de reconhecer e integrar as religiosidades no currículo, entendendo-as como expressões culturais legítimas dos povos que compõem nossa sociedade. A valorização das tradições de matriz africana é urgente, especialmente frente ao estigma e ao racismo religioso que ainda persistem. Mesmo sendo o segundo maior país com população negra no mundo, as religiões de matriz africana continuam sendo demonizadas e afastadas do convívio social – um reflexo da construção histórica perversa e colonial que ainda molda nosso presente.

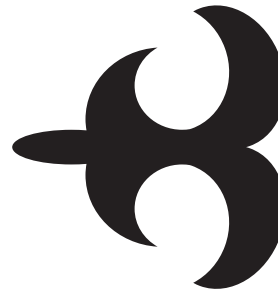
Enquanto educadoras e educadores comprometidos com a construção de uma educação antirracista e decolonial, entendemos que é indispensável enfrentar as desigualdades históricas de forma pedagógica. Isso implica não apenas reconhecer, mas dialogar de forma contínua e horizontal com as comunidades tradicionais, guardiãs dos saberes e fazeres ancestrais. É nesse movimento de escuta, partilha e valorização das epistemologias africanas que inscrevemos também os saberes de um de nossos autores, que é da região dos Akan, na Costa do Marfim. Esse conhecimento,

aqui compartilhado desde a experiência vivida, nos conecta às bases filosóficas que fundamentam a Pedagogia Adinkra, reafirmando a centralidade dos saberes originários africanos na construção de uma educação plural, enraizada em múltiplos valores, éticas e visões de mundo.

Nesses últimos anos, muitos já se debruçaram sobre os símbolos adinkra. Muito já foi dito a respeito de sua origem oeste-africana, do grupo Akan, dos provérbios da sociedade tradicional africana que eles expressam, da vestimenta e dos acessórios com seu design peculiar, aos quais deram origem, sem esquecer o fato de que eles propiciam uma forma adequada para o brasileiro mergulhar em suas raízes africanas, repletas de uma epistemologia tão rica e tão diferente das propostas cognitivas ocidentais.

É aqui, nessa dimensão epistemológica africana, que pretendemos aprofundar a compreensão e o aporte educacional que podem proporcionar os símbolos adinkra, em um Brasil onde a educação sempre foi tida, de modo unânime, como seu calcanhar de Aquiles. Por isso, nosso raciocínio se fundamentará naquilo que nomeamos como Pedagogia Adinkra. Dito de outra forma, nosso intuito consiste em revelar o eixo pedagógico por trás dos símbolos adinkra, em paralelo com as grandes mazelas do mundo educacional hodierno em geral e do Brasil em particular. Para isso, optamos pelo símbolo adinkra *akoko nan*.

FIGURA 2 SÍMBOLO ADINKRA
“AKOKO NAN”



Fonte: alvaroc/Adobe Stock

Assim como a maioria dos símbolos adinkra, o símbolo *akoko nan* dialoga com a simetria – simetria esta que aponta para a beleza, para a perfeição. Por isso, tratando-se de sociedade tradicional africana, não se pode omitir o elo entre essa beleza e sua mensagem proverbial. Ou seja, o provérbio por trás de cada símbolo traz nele uma dessas verdades absolutas, das quais o mundo ocidental, por ocorrência das duas guerras mundiais que ele próprio desencadeou, abriu mão. Nas sociedades tradicionais africanas, a primeira dessas verdades absolutas, sem dúvida, é a morte.

Nenhuma criatura, nenhum ser vivo pode sentenciar que é imortal, pois tudo que vive, um dia, partirá. Tudo que principia, acaba. É a dualidade por excelência: céu e terra, fogo e água, floresta e deserto, concreto e abstrato, íntimo e público... Não por acaso, a própria palavra “adinkra”⁴ remete ao adeus entre o ser vivo e o defunto, entre este

4 “A palavra Adinkra tem um significado de despedida na língua Twi do povo Ashanti. O sufixo “Kra” é traduzido como alma, então Adinkra é como um adeus à alma”. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/> Acesso em: 23 maio 2025.

que fica, e, aquele que se foi. Em outros termos, foi diante de uma das noções existenciais mais perturbadoras para o ser humano que se criaram os símbolos adinkra. Ou seja, a criação dessa linguagem proverbial por signos simétricos já traz embutido, em seu projeto inicial, o seu desígnio pedagógico, isto é, proporcionar um amparo sólido ao ser humano nos seus momentos existenciais mais difíceis.

Com isso, qualquer asserção alicerçada nessa dualidade ontológica tem a certeza de enveredar pelo caminho da verdade, de uma dessas verdades absolutas. Já que escolhemos o símbolo *akoko nan* como exemplo pedagógico, interessante seria vermos de perto o provérbio por ele trazido: “*akoko nan tia ba na enkum ba*”, que significa: “O pé de uma galinha pisa no pintinho, mas não o mata”. É preciso atentar para o movimento do olhar que principia com a natureza – aqui, a galinha – para só depois iluminar o ser humano, no que diz respeito a um modelo de educação com o qual se terá certeza de êxito.

Esse deslocamento da natureza para o ser humano está muito presente na maioria dos símbolos adinkra, e indica, por isso mesmo, que a relação entre o ser humano e o meio ambiente – que se desgastou tanto com a revolução industrial e a racionalidade pregada por René Descartes (2017) – já vinha sendo compreendida por essas sociedades africanas tal como hoje gostaríamos que fosse: a saber, quem deve aprender com a natureza somos nós, e não o contrário.

Isso é tão óbvio que prosseguiremos com uma das verdades oriundas da mãe, com a qual dificilmente nosso leitor haverá de discordar. A primeira verdade da criança – ou melhor dizendo, do feto – é a da mãe: é o barulho do coração dela batendo que ele, o feto, por mais filósofo que possa vir a ser, não poderá deixar de ouvir e de considerar. Logo, para essa cultura africana, aquela que nos traz ao mundo tem o ranking de um deus. Não à toa, o sistema “matrilinear” foi a norma, e ainda hoje é vigente em vários grupos sociolinguísticos dessa região, entre os quais o grupo Akan, dos símbolos adinkra.

Por outro lado, a criança nunca será mais velha do que a mãe. Ela viu o sol antes do feto – outra verdade absoluta que embasa o sistema de gerontocracia presente nessa parte do mundo. Se a criança foi amamentada pela mãe, a criança, como ser humano, não poderá, em hipótese alguma, afirmar que o primeiro gole que tomou na vida não foi do leite dela.

Essas verdades incontestáveis fundamentam a dimensão do sagrado. Por isso, tudo que diz respeito à mãe – portanto, à mulher – ganha um ar de sacralidade. Com isso, não se costuma questionar sua decisão no que tange aos primeiros anos de vida da criança. Primeiro, porque a própria criança, em um gesto de desaprovação à oferta de outra pessoa, escolheria ficar com sua mãe; segundo, porque, em nome da forte ligação entre eles – nove meses e os primeiros anos de vida –, a voz dela não ecoa nela da mesma forma que ecoaria

a do pai ou de qualquer outra pessoa. Em nome disso, ela se erige como a primeira educadora do ser humano.

É nesse ponto específico que o símbolo adinkra *akoko nan* entra em cena. De fato, quem pela primeira vez observa a cena da galinha pisando no pintinho pode se assustar e achar que esse pintinho vai morrer ou corre risco de morte. Que nada! A vida segue seu curso tranquilamente. Pois bem, o que essa cena tem a nos dizer enquanto seres humanos? O que ela tem a nos ensinar? Como diz o provérbio bambara, outro grande grupo linguístico do oeste africano: “Se você criar seu filho como se fosse um comandante, a primeira pessoa em quem ele mandará será você”. Ou seja, enquanto educadora, a mãe deverá fazer um uso sábio da sua autoridade maternal, a fim de firmar os passos da criança no caminho do bem e afastá-la do outro caminho.

De todo modo, por mais que a criança deseje continuar na barriga, é preciso cortar o cordão umbilical... Por mais que a criança queira continuar sendo amamentada, depois dos dois anos será preciso desmamá-la... Por mais que a criança goste do cheiro da mãe, de manhã cedo, na porta da creche, será preciso entregá-la aos profissionais da escola...

Dito de outra forma, nessas sociedades africanas, a mãe é a primeira professora do ser humano nesse caminho da

dualidade ontológica. A firmeza do caráter desse ser humano vai depender, em grande parte, da intransigência, da insistência e da persistência dela, no que diz respeito aos valores morais – valores estes que a sociedade como um todo preza.

Essa mesma sociedade que, pelo viés de seu sistema judiciário, o prenderá em uma cadeia, sem o menor ressentimento, por ter pego, sem autorização, um biscoito que não era dele. Ao passo que, quando criança, a mãe, em vez de refreá-lo – mesmo que pelo olhar –, achou brilhante ele ter conseguido pegar, sem ser notado e sem autorização, algum objeto que não era dela.

E, dentre esses valores cardeais, um dos mais importantes é justamente o respeito ao outro. Esse outro que, como ensina Amadou Hampâté Bâ (2003), fora a mãe, passa a ser o pai; e, depois dele, a família. Sendo que a figura mais respeitada, além do círculo familiar, é, sem dúvida, a figura incontestada do mestre (na iniciação das sociedades africanas tradicionais⁵) ou, nos dias de hoje, do(a) educador(a) (nos espaços escolares). Simplesmente porque, sem descontinuar, ele é o continuador manifesto daquilo que a mãe inculcou de forma latente.

Como podemos notar, falar em Pedagogia Adinkra nos levará, indubitavelmente, a levantar o véu sobre o provérbio carregado por cada símbolo adinkra, em ressonância com a filosofia africana/

5 A gigantesca obra do emérito sociólogo Professor Fabio Leite (2008), que pesquisou, durante três décadas, três povos oeste-africanos, entre eles o povo Agni do grupo Akan, é bastante esclarecedora quando aborda a questão sobre as sociedades iniciáticas africanas.

Akan nela subjacente, sem nunca esquecer nosso lugar de fala, que é esse mundo doente de tanto individualismo, com uma mazela tal como o suicídio.

Em outro texto vindouro, um tema como esse – o suicídio – mereceria um mergulho nos símbolos adinkra, no intuito de escolher qual ou quais deles dialogam melhor com essa problemática e, sobretudo, como a filosofia africana/Akan aborda esse fenômeno, seja em adultos, seja em adolescentes. Por enquanto, o símbolo *akoko nan* nos permitiu entender, ainda que de forma inicial, a centralidade do papel desempenhado pelas mulheres na sociedade Akan, sobretudo quando o assunto é educação.

Com isso, pode-se descobrir a poderosa mensagem por trás de uma visita usando uma vestimenta com esse símbolo a um jovem casal que acaba de ganhar uma criança. Antes de encerrar com esta cena, vale lembrar que se o símbolo indica esse papel central da mulher na educação, ele também dialoga com o pai, a família dele, com a sociedade como um todo, no sentido de garantir a segurança familiar para a mulher-mãe, tal como a sociedade tradicional oeste africana o fazia. Nos dias de hoje, de modo genérico, é aquilo que se acostumou chamar de políticas públicas, tudo isso com o objetivo final de criar uma criança, um cidadão, uma nação que zela pelo bem comum em vez de destruí-lo.

A Pedagogia Adinkra nasce do ventre da ancestralidade africana como um chamado. Um chamado que ecoa das profundezas da história, das encruzilha-

das da diáspora, das memórias silenciadas que insistem em florescer. Inspirada na cosmovisão do povo Akan e na sabedoria contida nos ideogramas Adinkra, essa proposta não se limita a um método: ela é corpo, é rito, é palavra que dança. É uma forma de existir no mundo a partir de outros princípios – os da coletividade, da oralidade, da circularidade, da espiritualidade e do pertencimento.

Ao desafiar os pilares da racionalidade eurocentrada que ainda estrutura o currículo escolar brasileiro, a Pedagogia Adinkra nos convida a imaginar outras formas de aprender, ensinar e viver. Ela questiona as verdades únicas, as violências epistêmicas e os silenciamentos estruturais, mas não apenas para destruir – ela reconstrói. Com raízes firmes e galhos que tocam o futuro, propõe caminhos ético-estéticos para uma educação antirracista, plural, enraizada na justiça social e na dignidade dos povos historicamente marginalizados.

Trata-se de uma pedagogia de reexistência. Uma pedagogia que resgata África e suas diásporas não como ausências a serem preenchidas, mas como presenças fundadoras de saberes, linguagens e formas de mundo. Uma pedagogia que não oferece respostas prontas, mas sementes. Sementes que, ao serem plantadas por educadoras e educadores comprometidos com a transformação, podem germinar em escolas, territórios, corpos e corações.

Assumir a Pedagogia Adinkra é mais do que aplicar leis ou inserir conteúdos: é um gesto político e espiritual. É re-

encantar o ato educativo com sentido, com memória, com coragem. É escutar os ancestrais, abrir espaço para o inaudito e confiar que outras narrativas são possíveis – e urgentes. Que essa pedago-

gia floresça com a cura e força de quem nunca deixou de sonhar. E que seus frutos alimentem gerações que ousam aprender com a Terra, com o tempo e com a sabedoria de quem veio antes.

REFERÊNCIAS

BÂ, Hampâté. **Amkoullel o Menino Fula**. São Paulo: Palas Athena, 2003. ISBN 8560804234

CAETANO, Daniele. Recurso Educacional. In: **(Re)Vista**, 1. ed., 2023. Disponível em: <https://consultoriaErer.my.canva.site/re-vista-waldorf>. Acesso em: 04 nov. 2023.

CAETANO, Daniele Laurinda. **Narrativas de professoras da Educação Infantil sobre educação para as relações étnico-raciais nas escolas Waldorf/Steiner no Brasil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. São Paulo: La fonte. 2017. 80p.

FONSECA, M. B. **Poderosas rainhas africanas**. 1. ed. v. 1. Belo Horizonte: Ancestre, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Fábio. **A questão ancestral: África negra**. São Paulo: Palas Athena. 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117142.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília, DF: Universidade de Brasília; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Valores afro-brasileiros na educação**. Brasília, DF: MEC, 2005. Boletim 22, Programa 2. p. 3036. Disponível em: <https://reaju.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/valores-civilizatac3b3rios-afrobrasileiros-na-educac3a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.